



O Ensino de História Local na Sala de Aula: Fontes, Objetos e Metodologias

Jakson dos Santos Ribeiro
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2021



O Ensino de História Local na Sala de Aula: Fontes, Objetos e Metodologias

Jakson dos Santos Ribeiro
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O ensino de história local na sala de aula: fontes, objetos e metodologias

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Jakson dos Santos Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E59 O ensino de história local na sala de aula: fontes, objetos e metodologias / Organizador Jakson dos Santos Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-701-7
DOI 10.22533/at.ed.017210601

1. Ensino. 2. História. 3. Sala de Aula. I. Ribeiro, Jakson dos Santos (Organizador). II. Título.

CDD 372.89

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

As propostas que apresentamos nesse livro se estabelecem como uma forma para contribuir com as produções acadêmicas e também aos professores da educação básica diante do desafio de inserção da história local como possibilidades de estudo.

A compreensão do local e suas particularidades vem sendo uma reflexão, constituída a luz das transformações existentes dentro da dimensão da produção historiográfica.

A história local, vem desta forma ganhando espaço. Os lugares se materializam em pesquisas e suas imagens vão sendo redesenhadas em pesquisas de monografias a pós-doutoramentos. Nesse compasso, a história nacional, agora ver aflorar os versos dessas outras dobras do tempo que também estavam e ainda estão ali, para relevar experiências, sentimentos, tramas políticas, costumes e fatos históricos.

Assim, as dobras desses tempos distantes até mesmo das pessoas que estão ligadas as suas cidades, aos seus estados, aos seus tempos, se tornam dobras do tempo percebidos e compreendidas. Nesse ínterim, os lugares distantes ganharam significados no tempo e com o tempo, tornaram-se objetos de estudos da história.

Então, os olhares em busca de uma história distante, reduziram suas escalas de observação e começaram a entender os significados das ruas, dos objetos de decoração, os significados dos nomes dos bairros, os nomes dos espaços, as práticas de sociabilidades das pessoas, das vilas e praças entre outros rastros e resquícios.

A história dos grandes feitos, se tornou agora a história desse grandes feitos em escalas de micro-observação, onde o protagonista não é mais o homem dos grandes feitos, mas as mulheres e os homens das feiras livres, dos bairros, das ruas e becos.

Essas mudanças são resultantes do giro linguístico recorrente nas ciências humanas, mas também fruto da dinâmica do indivíduo no tempo e no espaço. Assim, os rumos da história nesse processo de valorização da história local foi ganhando mais visibilidade e protagonismo na cena do tempo e nos fios que compõe as teias da história.

Assim, a história local torna-se uma história possível, como uma história que possa ser ensinada e entendida no dia a dia dos discentes da Educação Básica. Endossando essa questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de História do Ministério da Educação, apontam que essas possibilidades dentro do currículo, garantem que “[...] o ensino e a aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças [...]” (BRASIL, MEC, 1997, p. 49), que existem dentro da própria que eles/as fazem parte.

Nesse compasso, os textos que compõe esse livro entrelaçam em suas páginas reflexões importantes para pensar a dimensão da história local e os objetos que delas fazem partem.

Boa leitura!!

Jakson dos Santos Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PESPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: POSSIBILIDADES E CAMINHOS DA HISTÓRIA DA CIDADE DE CAXIAS/MA	
Ana Carolina Cardoso Dias	
Jakson dos Santos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.0172106011	
CAPÍTULO 2	19
MÚSICA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO EM UMA MOSTRA CULTURAL: EXPERIÊNCIA E SIGNIFICADOS PARA PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS	
Bruna Caroline Niero	
Magda Madalena Tuma	
DOI 10.22533/at.ed.0172106012	
CAPÍTULO 3	30
PENSAR A HISTÓRIA ESCOLAR: DESAFIOS E PROPOSTAS	
Jean Carlos Moreno	
DOI 10.22533/at.ed.0172106013	
CAPÍTULO 4	44
O ENSINO DA HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL POR MEIO DA ARTE SACRA	
Gabriel Pereira Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.0172106014	
SOBRE O ORGANIZADOR	56
ÍNDICE REMISSIVO	57

CAPÍTULO 4

O ENSINO DA HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL POR MEIO DA ARTE SACRA

Data de aceite: 04/01/2021

Gabriel Pereira Cunha

Centro Estadual de Educação Tecnológica
Paula Souza nas ETECs Professor Milton
Gazzetti e Professora Nair Luccas Ribeiro,
Brasil.

Presidente Epitácio- São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/85665935000103346>

RESUMO: A arte sacra pode ser utilizada como um resgate histórico e cultural em uma sociedade onde cada homem é parte fundamental de um todo. A história dessa sociedade pode ser lembrada a partir de sua produção artística. Neste sentido a importância da preservação recebe novo foco em detrimento da imprescindível consciência da redução do impacto provocado pela busca de riquezas. Isso leva a uma nova consciência do cuidado para com os objetos e edifícios sagrados contribuindo drasticamente para que seja um povo vivo e que saiba valorizar aquilo que é genuinamente arte brasileira.

PALAVRAS - CHAVE: Arte Sacra. Colonização. Preservação. Histórico

TEACHING THE HISTORY OF COLONIAL BRAZIL THROUGH SACRED ART

ABSTRACT: Sacred art can be used as a historical and cultural rescue in a society where each man is a fundamental part of a whole. The history of this society can be remembered from its artistic production. In this sense, the importance of

preservation receives a new focus at the expense of the essential awareness of the reduction of the impact caused by the search for wealth. This leads to a new awareness of care for sacred objects and buildings, contributing drastically to being a living people and knowing how to value what is genuinely Brazilian art.

KEYWORDS: Religious art. Colonization. Preservation. Historic

1 | INTRODUÇÃO

A arte sacra tem seu início quando clandestinamente os cristãos se encontravam nas catacumbas e formaram resistência com forte núcleo de fé. No Brasil em meados do século XV com a vinda da Companhia de Jesus para auxílio na colonização, esta fé foi transmitida, ou seja, ensinada aos índios e colonos. Desde então a religiosidade no país é muito forte, tendo uma significação massiva até nossos dias.

Nossa cultura ainda hoje é permeada pela fé que se transmite em forma de arte, seja ela nos simples oratórios populares nas casas ou nos mais belos e gigantescos templos devidamente ornados para este fim (PASTRO, 2002).

A arte e a religião são dois veios pelas quais o ser humano foge de suas mazelas para um enlevo supremo. Dentro do arrebatamento religioso e o belo existe um laço muito íntimo. Seja ele por uma identificação de pessoas mais

sofridas e humildes com as pinturas que revelam a dor do próprio Jesus Cristo. Ela é a mais alta expressão da fé de um povo.

Desde suas primícias foi e é utilizada para registrar sua história. Possui caráter religioso porém histórico, pois enfatiza toda a produção histórica e artística de um povo conforme seus usos e costumes é parte viva de sua cultura.

O objetivo desta pesquisa é instruir o educando (em especial do ensino médio) com direcionamento do contexto da Arte Sacra como papel fundamental na história da Arte Brasileira no período da colonização dos Pais estabelecendo assim relações histórico-sociais e paralelos estéticos, enriquecendo a capacidade crítica dos discentes ante a produção artística brasileira. Fomentar no ensino da Arte-Educação a multidisciplinariedade, buscando eloquência no relacionamento da Arte com a História (PROENÇA, 2004).

A produção artística brasileira e a arte sacra sempre produziram um saber muitas vezes pouco entendido e destacado, o que renova sua importância histórica. Em virtude de uma história mais democrática se faz necessário salientar o lugar da arte sacra no país; entendendo que a cultura e a arte de cunho popular estão encharcadas da religiosidade, ou seja, da contribuição histórica e estética para com a cultura brasileira.

2 I ARTE SACRA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

2.1 Os primeiros cristãos: primícias da arte sacra

As primeiras manifestações dessa arte surgiram de formas rudimentares durante a época em que os cristãos eram perseguidos. Conforme Conlay e Anson (1969, p.101): “A arte cristã começou nas catacumbas, era parte de um movimento clandestino. Os primitivos cristãos de Roma, obrigados a esconder-se nas catacumbas pela perseguição, formaram uma resistência com forte núcleo de fé”.

Este tipo de arte além de possuir caráter religioso detém por sua vez forte caráter histórico, pois ela destaca o momento sócio econômico em que aquela comunidade vivia. E esta manifestação de fé era sustentada pelo meio artístico que aquele povo produzia. Segundo Buoro (2003, p.22): “É uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. O homem interferiu, manipulou e transformou a natureza para que esta pudesse atender as suas necessidades”.

Compreende-se que desde o início o homem teve a necessidade de registrar os fatos de sua vida, com os primeiros cristãos não foi de maneira diferente, eles expressavam aquilo que viam e sentiam a maneira que as coisas iam acontecendo. Para os cristãos era importante destacar aquilo que eles viveram.

Desta maneira foram sendo assim erigidos os lugares onde os chamados “cristãos” se encontravam mesmo que nas catacumbas, mas foram designados lugares de culto, sua arquitetura e a apresentação dos espaços litúrgicos são elementos constitutivos desta cultura religiosa, étnica e historicamente delimitadas embora tenham produzido muito

artisticamente.

Pastro (2002, p.4) lembra que nunca se ouviu dizer que alguma civilização ou religião tenha produzido tanta arte como o cristianismo. Muito além de pura realidade este tipo de arte que teve como berço os primeiros cristãos nunca deixou de direcionar seu gosto pela vida e teve firmeza em assim dizer.

Segundo Pastro (2002, p.4) “Nela não há fronteiras, nem espaço, nem limite de tempo ou cultura. É naturalmente a linguagem religiosa do homem. A arte fala do ser do homem.” Era natural que os cristãos deixassem suas marcas onde se reuniam para orar, eles acreditavam que aquilo pudesse ter certo poder ao deixarem aquela prece ali inscrita. Em muitos locais é possível até hoje observar estes traços típicos da época destes primeiros cristãos.

As catacumbas eram os templos dos cristãos onde ali se reuniam todos os dias escondidos para orar e partir o pão foi onde grande parte desta arte cresceu, pois era em seu interior que aconteciam estas reuniões de oração. “A catacumba de Priscila, em particular contem algumas pinturas típicas do século III.” (CONLAY e ANSON, 1996 p.1011).

Deve se observar que, para Cavalcanti (1968, p.119), “São obras de inspiração popular, elementares de execução e ingênuas de sentido, reveladoras de suas origens entre artesãos ou artistas improvisados, senão autodidatas.”. Os que produziam desta arte eram muito pouco instruídos quase sempre autodidatas, aprendiam os desenhos por conta própria, isso se deve ao fato de que os recém-convertidos a nova religião eram os mais pobres e das camadas mais baixas na sociedade do império.

Verifica-se que tempos mais tarde esta arte primitiva passou a ser mais valorizada em detrimento do reconhecimento do cristianismo como a religião oficial do Império Romano. Complementando “Perseguido por três séculos, o cristianismo vê-se finalmente elevado à categoria de religião oficial do Império Romano, graças a Constantino, que se havia convertido à nova fé” (CAVALCANTI, 1968, p.123).

Foi a partir daí que a arte crista passou a se desenvolver a cada dia, uma vez que a religião se espalhou também entre os grandes do povo mobilizando os artistas profissionais a demonstrar os imaginários estéticos e aperfeiçoando o coeficiente especialista em suas obras destinadas aos cultos cristãos.

Deu se então início a construção dos templos para que os crentes pudessem assim congrega publicamente, não mais nas catacumbas nem nas casas como outrora. O Imperador Constantino contribuiu de maneira ocular para a concretização das primeiras igrejas (basílicas) cristãs em Roma e Jerusalém. Em Roma erigiu-se a de São João de Latrão a primeira de todas as igrejas de cunho cristão e a de São Pedro (CAVALCANTI, 1968).

Pastro (2002, p.4) alega que “Os cristãos sempre valorizaram as artes e os artistas. [...] Na história da cultura crista, a arte enalteceu o trabalho cotidiano muito além das meras expectativas de produção”.

Torna-se evidente a contribuição artística para a arte religiosa de maneira especial a arte Cristã primitiva. Houve desde então um grande avanço na parte estética, agora a preocupação com belo já repousava sobre a arte cristã. Não mais os desenhos rudes e simplórios habitavam no templo cristão, agora há um cuidado vigente: manifestação direta dos modelos pagãos romanos, alexandrinos e egípcios onde dominavam as mais sofisticadas técnicas de pintura, escultura e arquitetura. Contudo, deve-se ao fato da adesão dos imperadores e dos mais abastados ao novo movimento cristão, influenciando de tal modo sobre os artistas que eram remunerados pelo próprio império:

Toda essa arte cristã primitiva, primeiramente tosca e simples catacumbas e depois mais rica e amadurecida nas primeiras basílicas, prenunciam as mudanças que marcarão uma nova época na história da humanidade. Como vimos à arte cristã que surge nas catacumbas em Roma não é feita pelos grandes artistas romanos, mas por simples artesãos. Por isso, não tem as mesmas qualidades estéticas da arte pagã. Mas as pinturas das catacumbas já são indicadoras do comprometimento entre a arte e a doutrina cristã, que será cada vez maior e se firmará na Idade Média (PROENÇA, 2001, p.46).

Com o decorrer dos séculos o perfil dos primeiros cristãos mudou, seja científica ou culturalmente e até mesmo socialmente. Os cristãos de hoje e de ontem mudaram a sua expressão artística sua própria concepção das coisas, diferindo da expressão artística dos primeiros cristãos. Entretanto a arte permaneceu com a mesma função, sendo um veio sagrado, porém ganhou nova aparência de acordo com o momento em que o homem viveu. Transformou-se o termo não sua definição, eis que da arte cristã primitiva surgiu a Arte Sacra tal qual como a conhecemos hoje.

2.2 Arte Sacra como lócus irradiador da cultura brasileira

O desenvolvimento da arte sacra no Brasil se deve sobretudo a vinda dos Jesuítas ao Brasil. Conforme Ribeiro foram eles os responsáveis por difundir a fé e a arte católica no país. Chegaram em 1549 junto com o governador geral:

O primeiro governador chega ao Brasil em 1549, em três naus, duas caravelas e um bergantim. Traziam funcionários civis e militares, soldados e *artesãos*. Mais de mil pessoas ao todo, principalmente degregados. Com ele vieram novos colonos, bem como os primeiros jesuítas. Nóbrega, mais velho e experiente à frente e mais três padres e dois irmãos; Anchieta, um rapagão de dezenove anos, veio na leva seguinte. (RIBEIRO, 1995, p.89)

Porém os homens da Companhia de Jesus vieram com um objetivo pré-estabelecido, fazer vigorar no Brasil a Contra Reforma Católica em respaldo à Reforma Protestante na Europa prevenindo que se alastrasse pelo novo continente. “Com o objetivo de refortalecer a igreja e recuperar sua antiga posição na Europa, os homens da Companhia de Jesus Os Jesuítas vieram a América para fazer a conquista e preservação para a Igreja dessas populações ainda não atingidas pelos efeitos das Reformas” (SILVA e BASTOS, 1977,

p.35).

No contexto histórico colonial já era possível observar que as atividades lúdicas proporcionadas ao indígena pelos Jesuítas eram de grande potencial. Nomeados para a empreitada de doutrinar os índios eles se empenharam em estudar o dialeto tupi, popularizavam-se com as culturas indígenas e suas cerimônias a fim de ganhar sua confiança e então poder deixar de lado os princípios católicos e converter o indígena.

Os inicianos se aculturavam para poder utilizar dos indígenas elementos de sua própria cultura, de modo a reconhecer suas lendas, crenças e histórias. Provendo assim grande assistência para o emprego deste material na concretização de brincadeiras, peças teatrais tudo na finalidade de convencer os indígenas da existência de seu Deus.

Um elemento indígena muito usado pelos jesuítas foi o uso da máscara em suas peças. De acordo com Proença: “Para os índios, as máscaras têm um caráter duplo: ao mesmo tempo que são um artefato produzido por um homem comum, são a figura viva do ser sobrenatural que representam [...]e são usadas geralmente em danças cerimoniais[...]” (PROENÇA,p.193).

A base desta catequização foi à arte que eles próprios desenvolveram para que pudessem atingir seu público alvo: “Os jesuítas arquitetaram a catequização entre os gentios, propondo uma redução de todos os sentidos para que pelo meio das artes pudessem espalhar os preceitos contra reformista. [...]”. (TIRAPELI, 2001, p.8). Todavia este processo pelo qual os índios passou nada mais era do que uma reeducação cultural.

Ao decorrer dos anos os jesuítas já contavam com uma boa estrutura. Eram as chamadas missões. “Cerca de 34 mil índios são agrupados em onze paróquias, sob a direção dos jesuítas ,dando nascimento as missões, ou reduções e povoações organizadas como vilas, com pelourinho.”(RIBEIRO,1995,p.92).

Estas missões são consideradas por Tirapeli como o lócus do nascimento da arte sacra no país. Eram nestas reduções que os jesuítas ensinavam os ofícios artísticos e artesanais. É o início de uma gestação artística nos pais. Confirma Ribeiro (1995, p.99) “[...] Nas missões jesuíticas tiveram oportunidade de se fazerem tipógrafos, artistas plásticos, músicos e escritores”.

Os padres jesuítas transmitiram aos índios todos os conhecimentos e habilidades que possuíam com o qual se deu início a uma produção artística genuinamente brasileira. Não era mais possível distinguir as várias culturas que permeavam o Brasil desde seu descobrimento, sua produção artística era reflexo desta miscelânea cultural.

Logicamente o ponto culminante era a religiosidade que o povo possuía, era de onde todas as vertentes culturais emanavam na época do Brasil Colônia. A esta altura os índios em sua maioria já haviam abraçado a fé crista, a influencia da Igreja no estilo de vida dos colonos era característico da antiga Europa, outrora completamente cristã.

Nota-se que os hábitos cristãos já estavam inculturados na vida indígena: “Ali toda vida era regulada [...] hora de trabalhar na roça, na caça, na pesca. [...] Hora de ler, *hora*

de rezar.” (RIBEIRO, 1995, p.93).

A arte desenvolvida aos poucos pelos colonos era estritamente ligada à sua fé. A partir de então começaram a erigir suas primeiras capelas. “Suas principais edificações eram as igrejas, os conventos e fortalezas, que constituíam também seu principal atrativo. Por ocasião das festas religiosas, a aristocracia rural deixava as fazendas para viver ali um período de convívio urbano festivo” (RIBEIRO, 1995, p.195).

Ainda sobre a arquitetura colonial destaca-se que: “Elementos dominantes dessa arquitetura eram influências religiosas, os interiores muito ornamentados, o exterior sóbrio e retilíneo e as esculturas com motivos humanos, da flora e da fauna alegoricamente representados: o barroco litorâneo era caracterizado pela profusão e pela alegoria” (WEHLING A. e WEHLING M.J, 1999, p.291)

Quanto as imagens sacras embora muito rústicas em determinados locais já eram construídos até pelos próprios indígenas em especial pelas mamelucas, filhas dos índios com os portugueses Contudo eram orientados estética e teologicamente pelos padres jesuítas.

Eram as mamelucas [...] categoria de gente digna. Única que se lhes abria era de fiéis contritas dos santos católicos, seguidoras entusiastas dos cultos. Essa foi à única conversão que os padres alcançaram. Elas foram, de fato, as implantadoras do catolicismo popular santeiro no Brasil [...]. (RIBEIRO, 1995, p.90).

Portanto com o passar dos anos os jesuítas em comunhão com o estado fundaram escolas técnicas onde ensinavam os ofícios artísticos, inclusive a produção de imagens. Mais tarde alguns leigos mais arraigados nesta confecção artesanal ficaram conhecidos como Santeiros: “Muitas esculturas religiosas do século XVII foram feitas em barro cozido. As obras de Frei Agostinho da Piedade e frei Agostinho de Jesus mostram a criatividade dos ceramistas desse período no Brasil.[...]” (SANTA ROSA, 2006, p.08).

Nestas primeiras imagens era inevitável reconhecer a mescla portuguesa, africana e indígena, elas constituíram um importante meio de expressão e mentalidade colonial. As feições das imagens eram comuns nas imagens de Nossa Senhora e dos anjos; era considerada como forma de expressão daquele povo em resposta a seu próprio culto. Os traços indígenas na face e nos cabelos longos e lisos são irrefutáveis (WEHLING A. e WEHLING M.J, 1999).

Em detrimento deste fato a memória dos jesuítas ficou resguardada justamente pela influência que tiveram sob a produção artística brasileira em especial a escultura usualmente apelidada de santaria brasileira colonial.

A presença da Igreja [...] foi marcante no início da colonização do Brasil. O tempo passou, mas a fé cristã permaneceu em nossa sociedade com muita força. Por isso é que encontramos muitas igrejas de vários tamanhos e tipos pelo Brasil. Nas casas mais simples, ou luxuosas é comum a presença de

objetos religiosos na decoração, como sinal de respeito e proteção à família. (SANTA ROSA, 2006, P.07).

Neste contexto artístico surge o Barroco no Brasil estilo artístico predominante durante longo período, estando em um chão aberto para um grande desenvolvimento artístico-cultural. Apareceu no país no começo do século XVII, inserido por evangelizadores católicos, em especial os da Companhia de Jesus na totalidade da conquista portuguesa.

No século XVII [...] foi trazido para o Brasil pelos portugueses e pelos padres jesuítas. [...] O gosto brasileiro pela arte religiosa tornava-se cada dia mais forte. Ao mesmo tempo, a Igreja continuava incentivando a produção de obras de arte para as Igrejas. Enquanto o Barroco na Europa já entrava em decadência, a arte barroca no Brasil estava começando florescer. Isso aconteceu porque houve um fato importante aqui no Brasil: a descoberta de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais. Não passou muito tempo e os artistas começaram a usar a beleza e o brilho do ouro na decoração das igrejas, o que agradava aos religiosos e ao povo. (SANTA ROSA, 2006, p.11).

Seguindo uma ordem cronológica chega-se então ao considerado o auge da arte sacra no Brasil, é a propagação do Barroco pelo país. Porém este estilo muito explorado na terra de Santa Cruz já estava em total declínio na Europa (Itália) onde surgiu. “O estilo barroco desenvolveu-se plenamente no Brasil durante o século XVIII, perdurando ainda no início do século XIX. Nessa época na Europa, os artistas há muito tinham abandonado esse estilo, e a arte voltava-se novamente para os modelos clássicos.” (PROENÇA, 2004, p.196.).

Ora, Aleijadinho foi o maior expoente da escultura barroca, suas principais obras como Os Doze Profetas e Os Passos da Paixão (1796), ambos no Santuário do Bom Jesus dos Matosinhos em Congonhas são Patrimônios Mundiais, elegidos pela UNESCO (1976), por seu valor histórico e artístico.

Suas obras são intensamente dramáticas, e aumenta esse efeito o vivo colorido das estátuas em tamanho natural, pintadas, segundo indica um contrato assinado em 1798, por Mestre Ataíde.

Enquanto Mestre Ataíde se destacava na pintura, Aleijadinho se dedicou plenamente a escultura e arquitetura na região Mineira. Em outras localidades a escultura também teve direta influência do Barroco.

A contribuição da arte sacra na cultura e formação do Brasil é demasiadamente clara. Seu papel de mediadora cultural e artística leva a identificar os meios pela qual a influência da fé e piedade popular afetou a construção da identidade brasileira, proporcionando total enfoque na sua produção artística.

Pode-se considerar a arte sacra como a arte genuinamente brasileira, a mãe de todas as artes, o berço de toda e qualquer influência artística aqui estabelecida. Por fim eleita a representante da arte brasileira por muitos artistas conceituados com Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Mário de Andrade.

De acordo com Santa Rosa (2006, p.28):

[...] Os artistas modernistas resgataram a beleza e a importância da arte sacra barroca. Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Oswald de Andrade queriam o resgate da cultura e da arte nacional, a qual, na opinião deles, não era expressa pelos artistas acadêmicos do Brasil Imperial. Os modernistas viraram as costas aos acadêmicos e buscaram a arte sacra barroca de Aleijadinho e dos outros artistas mineiros, vistos como representantes da arte brasileira daquele momento. (SANTA ROSA, 2006, p.28)

Do mesmo modo como os modernistas elegerem a arte sacra colonial a representante da arte brasileira, hoje ainda é possível perceber tais características cotidianas que ao longo do tempo se firmaram sem que ao menos que a sociedade percebesse. Algo considerado comum que foi, e é fonte de inspiração artística:

Até hoje, é comum encontrarmos santeiros pelo interior do Brasil que produzem obras que ajudam a decorar igrejas e casas, mantendo acesas a esperança e a fé. Hoje a Arte Sacra permanece em muitas cidades, nos sítios e nos fundos de quintais, pelas ruas de terra do Brasil, como fruto da influência dos artistas barrocos. A arte barroca brasileira, talvez seja uma das mais autênticas expressões do imaginário de nosso povo. Arte que nunca se acabará simplesmente porque a fé faz parte da vida da maioria de nós. (SANTA ROSA, 2006, p.30).

Porém esta arte não é valorizada por muitos, muitas vezes se deixam levar pelo lado religioso e não estético artístico abominando-a ou até mesmo porque a arte sacra a nível Brasil é pouquíssimo conhecida em virtude de sua exploração e propagação a partir da era Moderna.

3 I ARTE SACRA COMO RESGATE PATRIMÔNIAL, HISTÓRICO E CULTURAL

A arte sacra em toda a sua amplitude pode se utilizada como instrumento educativo. Oferece um leque de possibilidades para ser trabalhada na área da Educação. É a História da arte como arte educação.

Estudar a história da arte não significa simplesmente estudar períodos, fatos, estilos. Para compreender a trajetória da arte é necessário refletir sobre os problemas e soluções artísticos e estéticos envolvidos. Caracteriza-se, portanto pelas teorizações e práticas de estudos e análises histórica e críticas a respeito dos objetos e criações artísticas produzidas pela humanidade ao longo dos tempos em diversos lugares. (FERRAZ e FUSARI, 2001, p.120).

Todavia além de ser abordada a parte estética e artística se garantirá na aprendizagem o elemento histórico, ou seja, todo um contexto: como e onde viviam comportamento; todos estes elementos são característica da arte sacra.

FERRAZ & FUSARI (2001, p.121) expõem:

Um saber histórico da arte no Brasil pode estimular uma postura crítica frente aos bens culturais da nossa vivência, se comparados aos de outras localidades ou nações. Além disso, se quisermos participar crítica e reflexivamente do momento cultural artístico (e estético) de nossa época precisaremos detectar os traços do passado cultural-artístico nele conservados ou transformados. Através do estudo da história das obras de arte brasileiras (documentos acessíveis, próximos e mais ligados às nossas experiências) podemos chegar a aprofundamentos dos conhecimentos artísticos e estéticos significativos para nossa cidadania. (FERRAZ & FUSARI, 2001, p.121).

Estes fatos históricos estabelecem meios culturais e artísticos necessários e auxiliam a compreender os estilos, modismos, tendências e as características assumidas na arte nos países naquela determinada época. É fundamental ter ciência da produção cultural e artística para assim, encontrar traços culturais transformados em obras de arte.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) deixa muito evidente um aspecto que deve ser trabalhado em sala de aula: a Multidisciplinariedade que “permite ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo” (FERRAZ e FUSARI, 2001, p.121).

É através dela que poderá ser inserida na Educação a Arte Sacra Colonial. Levar em conta o período histórico de onde emanou a maior produção artística no Brasil é um grande passo a ser dado. Saber contextualizar, por exemplo, uma imagem sacra com um texto histórico literário ficará mais fácil ao aluno entender imagetivamente em qual contexto essa imagem foi produzida.

“A relação da imagem com o ensino da arte precisa ser vista numa perspectiva histórica [...] Uma Inter - relação entre produção, leitura da imagem e contextualização histórica, onde os conteúdos da arte sejam explicitados.” (PILLAR, *et al.*, 2001, p.61).

Sem dúvida, o estudo histórico do campo artístico é bem mais amplo e complexo do que qualquer relação. Porém é um viés pela qual a Educação pode ser contemplada. Nos dias de hoje em que as mídias virtuais tomam cada dia mais espaço, perdendo-se o apego ao que já se passou.

A Arte pode ser esse vínculo de resgate. Com o “audiovisual” e suas demais linguagens ela pode construir pontes, sendo deste modo mediadora entre o antigo e o novo, estabelecendo meios concretos pelas quais a História pode trilhar. Não que uma disciplina seja mais relevante que a outra, cada uma possui em sua importância e ambas podem se completar a medida que se integram: sociedade, comunidade e a escola.

A multidisciplinariedade permite valorizar o patrimônio cultural, abordando as duas disciplinas: História e Arte. Por exemplo, o trabalho com os legados culturais de uma região permite ao aluno aprender a guardar a memória da comunidade e a se sentir parte dela (PILLAR, 2011).

Abordar de maneira simples a influência da arte sacra para a produção artística

brasileira pode fazer com que a mentalidade da sociedade mude. Ao compreender que a aprendizagem do aluno (em especial do ensino médio) na área da Arte Sacra como papel fundamental na história da Arte Brasileira no período da colonização do País se estabelece assim, relações histórico-sociais e paralelos estéticos, enriquecendo a capacidade crítica dos discentes ante a produção artística brasileira.

Percebe-se que enquanto a produção artística de um local acontece está sempre ligado a um acontecimento histórico. Como O Barroco mineiro, período do auge do Ciclo do Ouro. Boa parte do ouro da região era destinada à construção de igrejas cada vez mais ornadas e o surgimento de vários ícones da escultura, pintura e urbanismo daquela região. Porém, não se pode classificar a arte sacra simplesmente como passado. Compreender o que é histórico como algo que já acabou, distancia o educando daquilo que também forma sua identidade. Trabalhar com tradições é refletir sobre a atualidade.

É necessário que se busque nas escolas criar mecanismos e concepções viáveis a cultura local sobre a preservação deste acervo sacro. Muitas vezes um aluno tem em sua casa uma imagem muito antiga e não sabe do valor não só estético, mas histórico que esta imagem possui.

De acordo com Proença (2004, p.108):

“Esses fatos nos permitem ver mais claramente que a história de nosso país está ligada à história do mundo todo, e que as nossas raízes são muito mais profundas do que o limite inicial de uma data, no tão próximo século”.

As implicações que este processo de criar uma cultura de preservação não é fácil, porém se faz necessário nestes tempos da cultura do descartável. Saber o porquê preservar é fundamental.

Conforme Ghirardello e Spisso (2008, p.15):

Cada indivíduo é parte de um todo – da sociedade e do ambiente onde vive – e constrói, com os demais, a história dessa sociedade, legando às gerações futuras, por meio dos produtos criados e das intervenções no ambiente, registros capazes de propiciar a compreensão da história humana pelas gerações futuras. A destruição dos bens herdados das gerações passadas acarreta o rompimento da corrente do conhecimento, levando-nos a repetir incessantemente experiências já vividas. Atualmente, a importância da preservação ganha novo foco, decorrente da necessária consciência de diminuirmos o impacto sobre o ambiente, provocado pela produção de bens. A preservação e o reuso de edifícios e objetos contribuem para a redução de energia e matéria-prima necessárias para a produção de novos (GHIRARDELLO e SPISSO, 2008, p.15).

Entretanto compreender o que preservar é fundamental. É preciso conhecer os processos que o fizeram chegar onde está, entende-se que a arte sacra em sua essência e função precisa ser preservada. Trata-se de elementos estéticos que se perdem no tempo. Os órgãos competentes em comunhão com as escolas são capazes de gerir uma

coletividade consciente daquilo que anteriormente já foi produzido.

Destarte, os autores expõem que:

Todos os bens de natureza material e imaterial, de interesse cultural ou ambiental, que possuam significado histórico, cultural, artístico ou sentimental, e que sejam capazes, no presente ou no futuro, de contribuir para a compreensão da identidade cultural da sociedade que o produz (GHIRARDELLO e SPISSO, 2008, p.15).

Essa é a real função da arte sacra: trabalhar a multidisciplinariedade e formar cidadão críticos que sejam capazes de em algum momento histórico, colaborar com a identificação da analogia de um povo que o determina, sabendo seus valores entendendo que a arte sacra fala do ser do homem e acompanhar toda a hipotética que a acompanha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte sacra propicia ao ser humano uma compreensão profunda das questões sociais, pois solicita a percepção visual, bem como os demais sentidos e é através dela que o ser humano compreende a dimensão política presente em seu meio em detrimento do valor histórico social à ela atribuído. As informações históricas, relações culturais, sociais e procedimentos adequados só podem ser assimilados caso a sensibilidade e condições de concretude a permitam. Acredita-se que explorar novas maneiras de colocar em evidência os laços que unem a arte sacra e a disciplina História bem como que fortalecer a consciência do Preservar enriquecerá muito mais a cultura brasileira.

A arte sacra agrega valores. Unindo o valor histórico ao artístico, deixando um rico registro do intercâmbio cultural entre indígenas, europeus e africanos e, sobretudo do impacto das concepções ocidentais sobre o Brasil. O resultado desse processo, sob a forma de estátuas, pinturas e arquitetura e de acordo com a visão de vários críticos é um bom representante da originalidade artístico brasileira.

Todavia a competência atribuída aos órgãos que zelam pela área artística em vários níveis já não é mais suficiente à demanda é tamanha que exige uma consciência social interpelando deste modo aos responsáveis Públicos e fazendo analogia entre uma e outra. Uma arte esclarecida e de forma planejada convida e estimula o cidadão a valorizar sua arte natal bem como as suas características.

Busca-se apresentar historicamente alguns elementos que orientem o leitor a compreender os rumos tomados pela arte sacra na era colonial do Brasil a partir daquilo que é sua principal fonte de inspiração: a fé e a formação religiosa do povo brasileiro. E sua importância como arte no período colonial visando estabelecer como a arte sacra abriu portas e serviu de base para tantos outros estilos artísticos oriundos posteriores

REFERÊNCIAS

BUORO, Anamélia. **O olhar em construção**. São Paulo: Cortez, 1996.

CONLAY,Iris; ANSON,Peter. **A arte na Igreja**. 11.ed.Rio de Janeiro:Renes,1969

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e. **Arte na Educação Escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JANSON, Horst Waldemar. **História Geral da Arte: Renascimento e Barroco**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINDALE, Andrew. **O mundo da Arte: O Renascimento**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1969.

PASTRO,Claudio .**Arte Sacra**.2.ed.São Paulo:Loyola,2002.

_____. **Arte sacra: o espaço do sagrado hoje**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Artes**, volume 6 – Ensino de primeira à quarta série. 1997

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**.4. ed. São Paulo: Companhia das Letras,1995.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Relevos e Curvas O Barroco no Brasil- Séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2006.

SOBRE O ORGANIZADOR

JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO - Professor Adjunto I – Curso de História – Departamento de História e Geografia – DHG/ Universidade Estadual do Maranhão Link do lattes: Currículo Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/3062810657432335> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7064-2848> Universidade Estadual do Maranhão, Brasil E-mail: noskcajzaionnel@gmail.com Doutor em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (2018). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Maranhão (2014). Especialista em História do Maranhão pelo IESF (Instituto de Ensino Superior Franciscano) (2011). Graduado no Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Maranhão (Centro de Estudos Superiores de Caxias-MA) (2011). Coordenador do Grupo de Estudos de Gêneros do Maranhão- GRUGEM/UEMA. Professor Adjunto I na Universidade Estadual do Maranhão. Desenvolvo pesquisa sobre História e Gênero com ênfase nas identidades constituídas acerca do gênero, masculinidades, feminilidades, Sexualidades, surdez, surdez e sexualidade, História e Imprensa, História e Cidade, História e Literatura, sociabilidades, festas, infância, ensino de história e prática do ensino.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aluno 2, 3, 4, 5, 8, 9, 22, 25, 31, 32, 38, 39, 41, 52, 53

Aprendizagem 9, 3, 4, 5, 6, 8, 17, 23, 25, 29, 30, 31, 33, 38, 40, 42, 43, 51, 53

C

Cidade 1, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 56

Colonização 44, 45, 49, 53

Conhecimento 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 15, 20, 22, 23, 24, 25, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 53

Cultural 10, 11, 14, 16, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 36, 39, 41, 44, 48, 50, 51, 52, 54

D

Documento 7, 8, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 36, 40

E

Ensino 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 52, 53, 55, 56

Escola 3, 6, 7, 9, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 31, 34, 36, 37, 39, 42, 52

Escolar 11, 20, 28, 30, 31, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 55

Espaço 9, 2, 3, 8, 9, 10, 18, 22, 24, 33, 34, 36, 46, 52, 55

Espiralidade 30, 40, 41

F

Fontes 1, 6, 7, 8, 9, 12, 16, 18, 20, 23, 24, 25, 28, 30, 35, 36, 55

Formação 4, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 34, 43, 50, 54, 55

H

História 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 56

Histórico 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 51, 52, 53, 54

I

Identidade 2, 3, 21, 24, 28, 50, 53, 54

L

Local 1, 2

M

Memória 6, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 21, 28, 34, 43, 45, 52

Música 6, 7, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 40

Musical 5, 6, 22, 24, 26, 40

N

Narrativas 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 42

P

Pedagogia 38, 39

Povo 10, 11, 26, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 54, 55

Professor 2, 3, 4, 5, 6, 8, 14, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 56

S

Saber 5, 6, 10, 17, 33, 37, 38, 45, 52, 53

T

Tempo 9, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 16, 17, 18, 21, 22, 24, 34, 35, 36, 41, 42, 43, 46, 48, 49, 50, 51, 53

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O Ensino de História Local na Sala de Aula: Fontes, Objetos e Metodologias

 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O Ensino de História Local na Sala de Aula: Fontes, Objetos e Metodologias

 **Atena**
Editora

Ano 2021